



As aves de Évora: Onde o campo encontra a cidade

João E. Rabaça

A relação existente entre as sociedades humanas e as Aves é antiga, imensa e proficiente. Alimento valioso das sociedades recolectoras, com o advento da sedentarização algumas espécies foram alvo de processos de domesticação e, na actualidade, parte significativa da proteína animal destinada à alimentação humana tem origem nas aves.

Merlo (*Turdus merula*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)

Como fonte inspiradora do espírito, as aves têm também desempenhado um papel crucial consubstanciado em inúmeras criações do génio humano em diferentes épocas e civilizações. Como exemplo, leiam-se algumas das obras de Pablo Neruda, apreciem-se telas de Paul Klee, ou escutem-se peças de Olivier Messiaen, para referir apenas escassos exemplos do nosso quadro civilizacional. Ademais, William Shakespeare é hoje reconhecido como tendo sido um atento observador de aves, considerando a excelência e o detalhe das descrições nas suas obras de alguns pormenores da forma e comportamento de distintas espécies.

Esta relação estreita entre nós e as aves resulta em boa medida de alguns traços que as descriminam positivamente em relação a outros animais, em particular outros vertebrados terrestres: no seu meio natural a maioria das espécies apresenta hábitos diurnos e são genericamente organismos muito conspícuos. Estas razões concorrem para que as aves sejam, comparativamente com outros animais, facilmente detectáveis, facto que promove um enorme interesse na sua observação como forma de nos relacionarmos com a Natureza.

Devo acrescentar que outras razões mais técnicas contribuem para o apreciável valor da observação de aves: o facto de se distribuírem praticamente por todo o planeta, ocuparem todos os meios mesmo os mais artificializados, existirem em todos os níveis tróficos consumidores e utilizarem as três dimensões do espaço, devido à capacidade de voo exibida pela esmagadora maioria dos seus representantes. Finalmente, saliento o papel quase emblemático que as aves desempenham num dos fenómenos naturais mais impressionantes: a migração. É certo que as aves não são os únicos organismos que realizam estas deslocações periódicas em larga escala, mas se pedirmos a alguém que dê um exemplo de um animal migrador, a resposta mais provável será uma ave.



Fêmea de Toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)

Surge pois como natural que saibamos mais sobre as aves e o seu papel nos ecossistemas do que de outros vertebrados. Conhecemos de um modo bem aceitável a distribuição geográfica das diferentes espécies, sabemos quais as que justificam maiores preocupações em termos de conservação e para muitas dessas espécies sabemos mesmo o que deve e não deve ser feito com vista a melhorar o seu estatuto de conservação. E tudo isto, em boa medida, graças ao contributo de observadores amadores que, integrados em projectos a diversas escalas geográficas e temporais, fornecem os seus dados e informações para aumentar o conhecimento existente.

Observar aves surge assim como uma actividade proveitosa e salutar, ideal para promover os valores da conservação da Natureza e passível de ser realizada por adultos e jovens de diversas idades, não só no campo e no litoral, mas também nas vilas e cidades. A capacidade de adaptação a novas condições do meio ambiente, permite a diversas espécies de aves utilizarem com eficácia os recursos de alimento, abrigo e nidificação disponíveis nas cidades. Nalguns casos a adaptação foi tão marcada, que é improvável a sua observação em áreas sem edificações humanas, mas para a maioria das espécies que ocorrem nas nossas cidades, a utilização



Chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*)
Fotografia de Luís Gomes (Faísca)



Chapim-real (*Parus major*)
Fotografia de Luís Gomes (Faísca)

dos recursos é essencialmente oportunista. Dito de outro modo, "se existe comida e refúgio, então há condições mínimas para assegurar a existência".

Para algumas espécies de aves as cidades são espaços multifuncionais que disponibilizam novas oportunidades. A matriz urbana, composta por edifícios, praças, alamedas, parques, jardins, pátios, quintais mas também pelas zonas limítrofes que estabelecem uma fronteira com as paisagens envolventes, oferece múltiplas condições de abrigo e alimento. Assim sucede em quase todas as cidades.



Chamariz (*Serinus serinus*)
Fotografia de Luís Gomes (Faísca)

Em Évora o quadro não é diferente. Mais: por se tratar de uma cidade de média dimensão inserida numa região de matriz rural com campos agrícolas e áreas arborizadas, a cidade de Évora e a sua envolvente oferece ao longo de um ciclo anual a possibilidade de observar cortejos de espécies de aves diferentes de acordo com a sucessão das estações do ano. É aliás com base nestas diferenças fenológicas que os ornitólogos classificam as aves em residentes, quando ocorrem durante todo o ano, *migradoras nidificantes*, quando presentes apenas durante o período da reprodução, *migradoras de passagem*, quando apenas se detectam durante os períodos das migrações e *invernantes* quando ocorrem somente durante os meses mais frios. Este é afinal de contas um dos traços mais significativos da dinâmica anual em qualquer região temperada: a sucessão da avifauna.

Neste texto irei ilustrar os aspectos mais representativos deste carácter dinâmico, referindo quais as espécies de aves susceptíveis de serem observadas ao longo de uma ciclo anual na cidade de Évora. Não ambiciono ser exaustivo nem pretendo listar a totalidade das espécies. Como objectivo principal, aspiro a conseguir motivar o leitor para uma outra leitura da cidade utilizando as aves que connosco partilham Évora e os seus arredores. Município de um guia de campo, um binóculo, bloco de notas ou um "smartphone", deambular pela cidade em qualquer época do ano pode ser a oportunidade para descobertas interessantes e motivadoras.

Os arautos da Primavera

Nas nossas latitudes, é durante os meses de Março a Junho que a maioria das aves se reproduz. É um processo exigente e que se desenvolve por etapas sequenciais: o estabelecimento do par reprodutor, a construção do ninho, a postura e incubação dos ovos, a eclosão e desenvolvimentos dos pintos e, finalmente, a

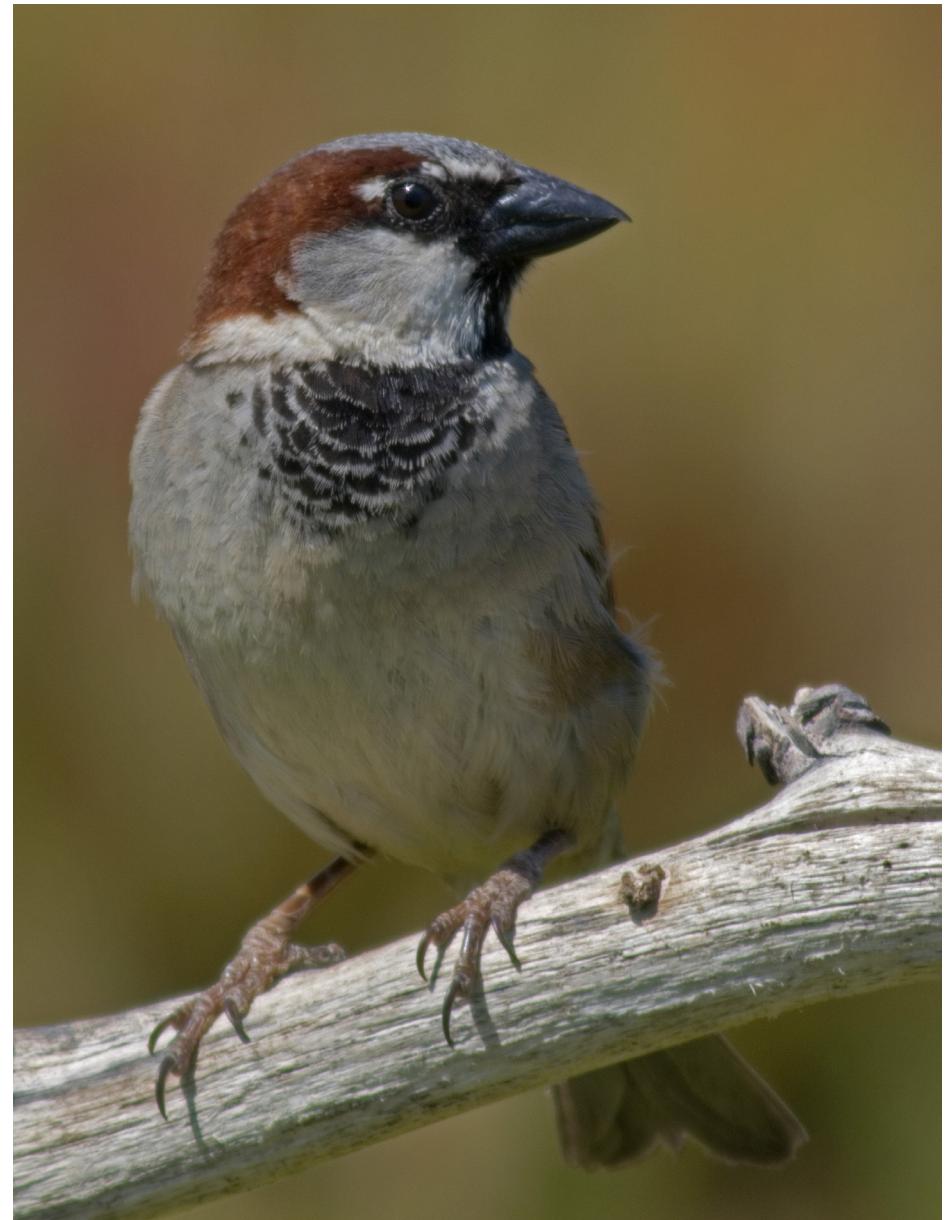
sua independência. Ao longo deste período, estas etapas vão-se sucedendo com durações distintas conforme as espécies. Algumas iniciam o processo bem cedo, por vezes ainda em finais de Fevereiro, outras mais tarde, com o mês de Maio já no horizonte.

À medida que os dias crescem rumo ao equinócio, as manhãs soalheiras de Évora começam a despertar com os cantos¹ das aves residentes mais precoces, em particular as do grupo dos Passeriformes². É assim possível apreciar a riqueza melódica do canto dos melros (*Turdus merula*) e o canto harmonioso da toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*) em diversas zonas da cidade, seja no centro histórico ou em bairros limítrofes, desde que nas imediações exista alguma vegetação que garanta as condições necessárias para a edificação dos ninhos.

Nos jardins da cidade e no complexo verde da Rib.^a da Torregela (bairro da Malagueira e Vila Lusitano), a existência de coberto arbóreo e arbustivo promove a ocorrência de outras espécies residentes como a carriça (*Troglodytes troglodytes*), toutinegra-de-cabeça-preta (*Sylvia melanocephala*), chapim-real (*Parus major*), chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*) e trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*). Em alguns locais ao longo da linha de água atrás referida, é possível por vezes escutar o canto característico do rouxinol-bravo (*Cettia cetti*), ave discreta e difícil de observar e muito associada a vegetação ribeirinha.

¹Canto - O canto é um dos traços mais emblemáticos das aves, permitindo curiosamente a identificação do seu emissor mesmo na ausência da sua detecção visual.

²Passeriformes – uma das Ordens em que se classificam as Aves. É de resto a Ordem que alberga o maior número de espécies e a ela pertencem as chamadas aves canoras, em que o canto emitido pelos machos é determinante para atrair a(s) fêmea(s) e garantir a defesa territorial.



Pardal-comum (*Passer domesticus*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)



Entretanto outras aves manifestam uma actividade crescente, prenúncio do frenesim que já anuncia a época de reprodução: chamarizes (*Serinus serinus*) e verdilhões (*Carduelis chloris*) fazem-se ouvir com os seus cantos trinados, acompanhando os pardais (pardal-comum *Passer domesticus*), seguramente os mais conspícuos pássaros nos ambientes urbanos. Nas áreas limítrofes ou em locais com alguma vegetação herbácea, é possível escutar o canto monossilábico e repetitivo da fuinha-dos-juncos (*Cisticola juncidis*), pequena ave residente cujos machos cantam em voo. O Cartaxo-comum (*Saxicola torquata*), outra espécie residente e bem conspícuia, é detectável em zonas de orla com vegetação herbácea e sub-arbustiva como as bermas das vias de comunicação, terrenos descampados.

Logo a partir de finais de Janeiro, as andorinhas-dos-beiraís (*Delichon urbicum*) podem ser vistas nos céus de Évora. É uma das migradoras nidificantes mais comuns no sul do país estando muito bem adaptada às condições oferecidas pelas localidades, como de resto o seu nome vernáculo bem sugere. Quase ao mesmo tempo aparecem as primeiras andorinhas-das-chaminés (*Hirundo rustica*), cujas silhuetas esbeltas são reconhecíveis nos voos rasantes e ágeis que realizam nas ruas de Évora. Ainda com o inverno no calendário, chegam as primeiras cegonhas (Cegonha-branca *Ciconia ciconia*) à cidade. Ocupam os ninhos existentes no Hospital do Patrocínio, na igreja do Senhor Jesus da Pobreza e no Colégio do Espírito Santo e constituem um dos elementos ornitológicos mais emblemáticos das cidades e vilas de boa parte da Península Ibérica.

Cartaxo-comum (*Saxicola torquata*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)

Às primeiras horas da manhã, as áreas relvadas da cidade como a rotunda de Avis exibem com frequência um espectáculo ímpar: garças-boieiras (*Bubulcus ibis*), estorninhos-pretos (*Sturnus unicolor*) e outras aves, alimentam-se freneticamente dos invertebrados existentes no solo que o orvalho matinal ou a rega recente tornam mais disponíveis. Este quadro não é todavia exclusivo desta época do ano.

É todavia em finais de Março que chegam às nossas latitudes os verdadeiros arautos da Primavera: os andorinhões (andorinhão-preto *Apus apus* e andorinhão-pálido *Apus pallidus*), cuja silhueta parecida com a das andorinhas sugere uma adaptação estreita à captura em pleno voo dos insectos de que se alimentam. A sua chegada é um sinal dos tempos cálidos que se aproximam.

O rigor estival

Durante os meses de Abril a Junho a época de reprodução das aves de Évora segue o seu curso. Para muitas espécies, o vaivém incessante dos adultos aos ninhos para alimentarem os pintos progride a bom ritmo. Para outras, o arranque da época estará porventura mais atrasado. Durante toda esta azáfama, os machos mantêm genericamente a actividade canora pelo que ao frenesim das deslocações acresce o coro dos melros, toutinegras, chamarizes, chapins e pardais. Em locais onde a vegetação arbustiva é

Andorinha-dos-beirais (*Delixon urbicum*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)

Andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)



mais densa é possível escutar o canto rico e timbrado do rouxinol-comum (*Luscinia megarhynchos*) um dos migradores nidificantes mais comuns em Portugal e que exibe a particularidade de cantar mesmo durante a noite.

No centro histórico da cidade, em particular no Largo da Misericórdia e na envolvência do Pátio de São Miguel e da Catedral, podemos observar uma outra espécie residente: a gralha-de-nucacinzença (*Corvus monedula*). Trata-se de um corídeo³ de médio porte que cria nas fendas e buracos de construções cujas vocalizações semelhantes a um grasar metálico constitui um dos sons naturais mais emblemáticos de Évora.

Nas áreas limítrofes da cidade, em particular na interface com as áreas agrícolas envolventes, é possível encontrar outro corídeo inconfundível na sua forma e plumagem: a pega-rabuda (*Pica pica*). O distrito de Évora é aliás uma das zonas do país onde esta ave residente é mais abundante, edificando por vezes os seus ninhos nas árvores que marginam as estradas da região.

Para além das espécies já referidas, os pombos (variedade doméstica do pombo-das-rochas *Columba livia*) são uma presença ubíqua na cidade, onde tiram partido das condições de abrigo e alimento disponíveis no centro histórico. É praticamente assim em todas as cidades da Europa (e não só), onde os seus efectivos por vezes demasiado elevados chegam a causar problemas ao património edificado, constituindo também uma potencial fonte de problemas

³Corídeos – Representantes da Família Corvidae, uma das grupos de Passeriformes mais cosmopolitas. Existem mais de 120 espécies em todo o mundo e ocorrem em todo o planeta exceptuando as regiões polares e o extremo da América do Sul. São reconhecidamente consideradas como as aves mais inteligentes, estando descrita para algumas espécies o uso de utensílios.

de higiene pública. Outra espécie aparentada com os pombos e também observável em Évora é a rola-turca (*Streptopelia decaocto*), reconhecível pelo seu canto trissilábico. Trata-se de uma ave que teve nos últimos 15-20 anos uma dispersão assinalável em Portugal e é um extraordinário exemplo de expansão no séc. XX, tendo dispersado desde o leste europeu até às penínsulas Ibérica e Escandinava.



Estorninho-preto (*Sturnus unicolor*)

Fotografia de Paulo Pereira Pinto

Com o avançar da época a duração dos dias aumenta e os momentos de temperatura amena dão lugar a períodos mais quentes. É em dias assim que podemos ser surpreendidos com a visão de uma ave de rapina planando nos céus de Évora, em particular nos bairros limítrofes: poderá tratar-se de uma águia-d'asa-redonda (*Buteo buteo*) ou mesmo de uma águia-calçada (*Hieraetus pennatus*). A primeira é das rapinas residentes mais comuns em Portugal; a segunda constitui uma das mais belas águias migradoras nidificantes da fauna europeia. Observá-la será seguramente um excelente momento de fruição...



Gralha-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*)

Ilustração de Pedro Filipe Pereira

À medida que a primavera se aproxima do fim, as manhãs de Évora e os fins de tarde são literalmente inundados pelos voos céleres dos andorinhões deslizando ruidosamente sobre os telhados da cidade. São bandos constituídos por adultos e juvenis e representam uma das imagens mais marcantes deste período do ano.

Quando chegam os tórridos dias de verão, a actividade das aves de modo apreciável. É o anúncio de que a época mais desgastante do ciclo anual atingiu o seu termo. Os juvenis dispersam para outros locais e os adultos iniciam o complexo processo da muda da plumagem, sendo mais difícil a sua detecção. Na cidade são observáveis as andorinhas, os pardais, as rolas-turcas, as gralhas-de-nuca-cinzenta e os omnipresentes pombos. Somente nos jardins e pátios arborizados será possível detectar um ou outro melro, algumas toutinegras e uma ou outra surpresa. É um período rigoroso em que as temperaturas elevadas condicionam fortemente a actividade das aves. Aos fins de tarde em algumas avenidas e alamedas da cidade bandos de pardais utilizam árvores como dormitórios juntando-se às centenas. Entretanto, se olharmos para o céu poderá ser possível observar bandos de garças-boieiras atravessando os céus da cidade em direcção aos seus dormitórios situados nas imediações.

À medida que o verão avança os migradores nidificantes começam a abandonar a cidade rumo aos seus quartéis de inverno. Andorinhas e andorinhões deixam Évora em Agosto e Setembro com destino à África de onde voltarão na próxima primavera. É neste período relativamente efémero que podemos observar um ou outro migrador de passagem em trânsito para sul. Uma das espécies mais representativas deste grupo é o papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*) observável nesta época do ano já com a sua plumagem de inverno com tonalidades cinzentas.

Chegam as primeiras chuvas

O início do Outono dá ainda continuidade ao fim da época estival. A actividade das aves limita-se em boa medida ao assegurar da sobrevivência e até às primeiras chuvas acompanhadas de um abaixamento apreciável da temperatura, não existem propriamente novidades na sucessão temporal da avifauna. Todavia, é neste período que podemos observar nos espaços citadinos algumas espécies razoavelmente atípicas como resultante dos processos



Rola-turca (*Streptopelia decaocto*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)



Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)

de dispersão. É assim possível vermos em alguns bairros limítrofes espécies como o picanço-real (*Lanius meridionalis*), vulgarmente associado a áreas abertas com pequenos bosquetes e pequenos bandos de chapins-rabilongos (*Aegithalos caudatus*) facilmente identificáveis pela sua silhueta em que sobressai a cauda particularmente comprida.



Pintassilgos (*Carduelis carduelis*)

Fotografia de Paulo Pereira Pinto

Com as primeiras chuvas começam a chegar as espécies invernantes provindas de latitudes mais setentrionais no norte e centro da Europa. A partir de Novembro, felosas-comuns (*Phylloscopus collybita*) e piscos-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) podem ser observados em diversos locais da cidade, desde que existam condições de habitat adequadas (essencialmente alguma vegetação arbórea e arbustiva). Nesta época, os melros procuram avidamente as bagas e frutos de diversas plantas que ornamentam os jardins e pátios, por vezes acompanhados de bandos de chapins e aves granívoras como pintassilgos (*Carduelis carduelis*), tentilhões-comuns (*Fringilla coelebs*) e um ou outro pintarroxo (*Carduelis cannabina*).

Em locais próximos de linhas ou corpos de água é possível observar a alvéola-branca (*Motacilla alba*), reconhecida pela sua plumagem cinza com apontamentos pretos e brancos e com a particularidade de, quando no solo onde aliás passa boa parte do tempo, baloiçar caracteristicamente a cauda.

Traços de inverno

O período invernal é um período crítico para as aves. Assegurar a sobrevivência em condições ambientais por vezes muito rigorosas é uma tarefa árdua para todos os indivíduos. Mas é neste caso que a cidade pode funcionar como um bom refúgio oferecendo disponibilidade suplementar de abrigo e alimento nos pátios e jardins. Para além de assegurarem a sobrevivência, as aves devem garantir durante este período com um bom nível nutricional que lhes permita atingirem a próxima época de reprodução em boas condições físicas. Só desta forma poderão encarar a próxima fase do ciclo anual com alguma probabilidade de sucesso.

À medida que o inverno progride, é possível escutar numa ou outra noite as vocalizações de rapinas nocturnas que iniciam neste período o acasalamento. Corujas-das-torres (*Tyto alba*) e corujas-do-mato (*Strix aluco*) são por vezes ouvidas em alguns pontos da cidade, contribuindo para enriquecer o carácter mágico que as noites de inverno em Évora por vezes encerram. A função territorial e/ou de acasalamento das suas vocalizações são afinal o prenúncio precoce de um novo ciclo que está prestes a iniciar-se.

Em jeito de conclusão

Para lá dos limites urbanos Évora oferece outros encantos ornitológicos. Na planície agrícola a sul-sudeste é possível observar algumas das espécies de aves mais ameaçadas da Europa: abetardas (*Otis tarda*), sisões (*Tetrax tetrax*), calhandras (*Melanocorypha calandra*), rolieiros (*Coracias garrulus*), francelhos (*Falco naumannii*) e milhafres-reais (*Milvus milvus*), são espécies associadas aos sistemas agrícolas tradicionais em distintas épocas do ano e constituem um valor do património natural com relevância internacional.

Em síntese, Évora e os seus arredores oferecem outros interesses para além dos que já constam dos roteiros turísticos e culturais. Como anseio ter transmitido ao longo deste texto, observar as aves de Évora pode ser uma forma interessante e inovadora de ler a cidade em qualquer época do ano. Experimentem...



Coruja-das-torres (*Tyto Alba*)

Fotografia de Luís Gomes (Faísca)